

Domingo, 2/3/64  
 sexta-feira, 7/3/64  
 Hora - 21 horas  
 Proletários e Trabalhadores

*Rafael*  
*Amaral*

NOTÍCIAS DAS MALOCAS

**TÉCNICA** Prefixo musical do programa - "Mundos Maloca" - com Admiran Barbosa - alto e, depois, lentamente, vai caindo para ficar em DG.

**LOCUTOR** É a Rádio Record - Estação RFA 9 de São Paulo - passa a apresentar, neste momento...

**LOCUTOR** NOTÍCIAS DAS MALOCAS.

**LOCUTOR** Um programa escrito por GILBERTO HOLY.

**TÉCNICA** Toca o prefixo, por 70 segundos e volta - baixar.

**LOCUTORA** Os melhores espetáculos combinados do Rádio e da TV, hoje, transmitidos em ESTEREO, em MALOCAS.

**LOCUTORA** RUI BARBOSA.

**LOCUTORA** ALBERTO OLIVEIRA.

**VICINIA** VILMA MARI.

**LOCUTORA** SIMPLIO.

**LOCUTORA** → MALICA MALICA.

**VICINIA** VICINIA MALICA.

**LOCUTORA** É, no papel de Charutinho, o popularíssimo astro do disco e do cinema nacional: BOB MARLEY.

**LOCUTORA** Ô só daqueles que compra fiado...i ainda pede trôco!

**TÉCNICA** PRÉSTO.

NOTÍCIAS GOMERCIAIS

**TÉCNICA** PRÉSTO.

**LOCUTORA** Para História das Malocas de hoje, GILBERTO HOLY escreveu um roteiro original...

**LOCUTORA** A IMPORTANTE CARTADA DE UM HOMEM SEM <sup>nenhuma importância</sup> ~~nenhuma~~ IMPORTANCIA.

**LOCUTORA** No começo do início do nosso programa de hoje, vamos chamar o apresentador....

**LOCUTORA** Com vocês, o apresentador ....

MAIS ADOR X

RAQUEL

Na vida de todo cidadão do Lôrro existe sempre um vontade oculta :

No dia em que eu tive com sobrinha no m'ô eu fecho a mão e nunca bro nunca mais prela saí.

DIJA

Eu não, dona Raqué. Se eu tivesse com mir cruzeros... ia fazê uma viagem p'ô estrangeiro. Eu ando l'ôco p'ô cunhecê Oróp, França e Bahia.

SILP.

Eu, no dia que tive com sobrinha fechada no buraco do pano... vô p'ô Rio me fazê Fio de Santo no candomblé do Joãozinho de Gomeia.

VALERIA

I'ocê, Charutinho ? Se ocê tivesse com luca no buraco do pano, o que é que ocê fazia ?

BARBOSA

Se eu tivesse com nota de mir no furo da rôpe ?

VALERIA

É. O que é que você seria capaz de fazê?

BARBOSA

Eu?... O mesmo que eu tenho feito até agora...

RAQUEL

N' da ?

BARBOSA

N' da.

DIJA

Vamos escuitá a opinião da Pixainha : Pixainha !

ALZIRA

Eu.

SILP.

Ele qué priguntá procê uma coisa : se ocê tivesse com nota de mir, o que é que você farinha ?

ALZIRA

O que é que a farinha ?

RAQUEL

...comprava dois quilo de céu p'ô minha mãe.

RAQUEL

O que ? Céu num si compra... se dequere?

ALZIRA

É que minha manhe sempre me diz que vive num inferno !...

BARBOSA

I o que é que ela chama de céu ?

ALZIRA

Acho que é a felicidade. Eu num sei bem o qui é que é isso... mais é felicidade.

- RAQUEL Filicidade eu sei o qui qui é. É a gente tomá um tãquis e sai do "ôro. Se eu tinha cem conto, tomava dois táxi pã sa'1 mais dipressa.
- SIMP. Bão. Se a mãe dela quisé entré no céu já já, eu chamo o Mata Fáci...
- DIJA Num seja otério. As portas do céu num se abre procê, Simpriço.
- SIMP. Eu arrombo. Prã isso é que eu sô iscrunchante.
- DIJA Mas eu num pidi a pinhão da mãe dela. Eu quero sabê ocê, Pixainha, ocê, pessoarmente, que é que ocê farinha com cem mir cruzas ?
- ALZIRA Eu ? Pessoaarmente ? (PAUSA) Eu quiria dá uma vortinha, sú umazinha, num Impala!
- VALERIA O que ? A minina num qué nada !
- ALZIRA Eu, cá minha mãe. Diz que é tão macio, tão fôfo, tão soável, que a gente tem a impresão de que tá ino pô céu...
- BARBOSA Tua mãe qué um céu munto caro. (PAUSA) Pixainha...
- ALZIRA l.
- BARBOSA Ocê nunca deu banda de caranga ?
- ALZIRA O que é isso ?
- RAQUEL Ele priguntô se ocê nunca deu uma vortinha de artomóve.
- ALZIRA Nunca. É o meu maió de jêjo. Tudo dia eu pido pã São Benedito, meu padrinho, prã êle errumá um chanfré prã mim...
- RAQUEL (TRISTE) É isso que ocê rezá ? (PAUSA) Ele vai ti atendê. Você vai vuã num carro, argum dia... Por que todos os fios de Deus... têm usa !...
- ALZIRA São Binidito que ouva a senhora, amém. E diga amém.

NARRADOR

Aquela idéia da menina sonhar com uma viagem ou um passeio de automóvel e que esse devaneio constituía toda a felicidade da menina, enterneceu a turma do Morro do Piolho.

RAQUEL

Mas... como que a gente vai fazer pra arrumar uma grana pra ela realizar o sonho dela?

SIMP.

É difícil. Pra andar de caranga - inda mais Impala, tem que ter cá buchêcha cheia de bufunia!...

VAL.

E se a gente fizessemos uma vaquinha?

RAQUEL

Uma vaquinha, aqui... dá cartoze cruzeros. Cartoze cruzeros num dá nem prela í de banda no estribo dum bonde...

NARRADOR

Quase que ficou definitivamente estabelecido que o sonho da menina, querida, por todos porque é a única que sabe ler e escrever, no Morro, era um sonho totalmente irrealizável.

Somente o Charutinho, o homem que não fazia nunca nada, nem por sí e nem por ninguém...

BARBOSA

O Simprico! Como que a gente consegue chegar a ser dono dum Impala?

SIMP.

Trabalhando, ué. Eu já descubri que o melhor negócio que tem na malandrage, é ser honesto...

DIJA

É dá duro no trabalho! A gente pega uma cesta de pementão e vai vendendo por aí. Depois porquede e a cesta de pementão se enche de ovo... ia gente vai vendendo... Depois porquede... e a cesta se transforma numa quitanda... Depois, a quitanda vira venda...

SIMP.

Ir vendendo porquede e vira mercenaria de vendê comestivos e bebestivos...

DIJA

Aí, no trabalho, a gente fica rico... e compramos o que dá na teta. Inté um Impala.

BARBOSA

É trabalhando assim é?

SIMP.

É cavocano e rebolano que a gente riuece.

- BARBOSA Pula essa ! (BOCEJA) (SONOLENTO) Pula essa...que eu... (BOCEJA).
- DIJA Só di falá em trabáio, u hõmi já tã cansado...
- BARBOSA Ocêis cansô munto eu, viu ? Ocêis fala tanto em trabáio...que, só de uvi falá, eu já fico com vontade de pidi 20 dia de féria. (BOCEJA) É o que eu võ fazê. Võ drumi
- NARRADOR O Charutinho foi dormir, como sempre de favor, no barraco da Raquel. Dormia debaixo de um telheiro de zinco, que a gente do Mórro costuma chamar de "puxado pr'a puxã".
- BARBOSA (SONOLENTO) Ai que bõo puxado pã puxã o ronco... (COMEÇA A RESSONAR E A RONCAR).
- NARRADOR (QUANDO O RONCO FÔR A BG) - Dorme o mulambo cansado, o vendedor de cuspe, o trabalhador do bafo engarrafado para limpar vidros. Dorme...de tanto que ouviu falar em esforço.  
Mas o crioulinho anguloso dorme seu sôno agitado de vozes que ecõam...
- TÉCNICA (LIGA A CÂMERA DE ÉCO)
- RAQUEL (SUSSURRA) Mangina, a Pixainha quereno andã de Impala.
- ALZIRA (SUSSURRA) O sonho de minha mãe e meu é í dá uma vortinha no céu, mais de Impala...
- RAQUEL I a gaita ? Quem é que arruma bufunfa pã temanha aventura ?...
- ALZ. Eu quero í pô céu macio do Impála...
- VAL. Esta minina tá ficano matusca !...  
Dexa de birutice, minina...
- ALZIRA Charutinho... É só uma vortinha de Impala pela cidade cheia de luzes e de bunécas.
- TÓDAS (FALAM AO MESMO TEMPO, NUMA CONFUSÃO).
- TÉCNICA DESLIGA A CÂMERA DE ÉCO.

BARBOSA  
RAQUEL

(CONTINUA BONCANDO EM BG)  
Charutinho !... Charutinho !... Acorda,  
seu pasmacêra !

BARBOSA

(RONCA MAIS FORTE)

RAQUEL

Vamo. Alivanta, crioulo, que já é 10 hora.

BARBOSA

(ACORDANDO) Ah...dexe eu ficá intê quatro  
hora...

RAQUEL

Ocê já drumiu oito hora ! Chega !... Eu  
vô percis to puxado pã anilá a rôpa.

NARRADOR

O Charutinho se levantou devagarinho para  
o espreguicamento...

RAQUEL

Manja ...Manja como livanta divagã esse ca-  
ra. Ele livanta divagã que é prá num assus-  
tã os musco nem os ôsso do esquelêto.

BARBOSA

Né não, Raquêu. É que, um dia, eu livantei  
dipressa, mi deu uma distensão no músco.

RAQUEL

Ocê é bão de bico...mais eu num sô milho.

BARBOSA

Teressante, Raquêu. Sonhei a noite intêra  
com o sonho da Pixainha !...

(PAUSA) Sabe o que eu sonhei ? Que tava  
comprano um Impala pã Pixainha. Eu di uma  
nota de cinco cruzeros... e o hõmi vortô  
quatro de trôco.

RAQUEL

Sará que eu num arrumo nada pã Pixainha ?

BARBOSA

Ses ela delira, ocê sonha, Charutinho. Ca-  
dê que a gente vamos tê dinheiro pã alugã  
um carrão dêsse ?

RAQUEL

Hõmi, eu tô disposto a arrumã um carrão  
prela.

BARBOSA

Eu sei. Ocê dá uma vortinha por aí...faiz  
umas facatrya bem fajuta... i arruma um  
carro de preso ?

Eu ? Levã minina que sabê lê num carro de  
prêso ?... Eu não. Eu vô arrumã um carrão  
bacanaço.

(T) Raquêu... Tem caifê branco aí ?

NARRADOR

Saiu o crioulinho sonhando pelo Morro. De repente...apareceu uma idéia :

BARBOSA

Mais que burro que eu sô.  
 Pruquê é que eu num pensei nisso antes!...  
 Eu vô lá e conto um bafo prêle...agaranto  
 que êle me atende eu !  
 Eu trabalei prêle vendeno cuspe!...  
 Será que ele me atende ? Eu chego lá...  
 falo falo falo... e êle vai arrespondê  
 ansim...

LOCUTORA

Charutinho... Você me dá licença, Charuti-  
 nho ?...

BARBOSA

Alô, coleçãozinha de curva, ocê num tem  
 um Impala aí sobrano ?

LOCUTORA

Eu vim aqui apenas para transmitir uma peq  
 uena mensagem....

BARBOSA

(CORTA) Pois não...jeitozinha... Pode  
 vendê seu bafo !

M E N S A G E M

C O M E R C I A L.

TÉCNICA

PREFIXO DO PROGRAMA.

NARRADOR

Parecia, em sua mente, que o Charutinho  
 arrumára o jeito de satisfazer o sonho da  
 menina Pixainha...

BARBOSA

Ó. Ó quero falá cocêis mais sem baba. Num  
 cumece ninguém a babá em cima da minha fale  
 Fala, Charutinho. A gente temos uvindo ocê.

SIM<sup>P</sup>.

BARBOSA

Na campanha do litorá, eu trabalei aí pum  
 disputado que foi enleito. Eu era vivêro  
 nos comício dêle. Gritava "viva o dotô  
 Arnesto !... " i pregava os cartaiz dele  
 pela cidade.  
 O acho que eu ino lá e falano cõ êle, êle  
 é iscapaiz de salucioná o pobrema.

RAQUEL

Sará ?... (PAUSA) Ocê manja mêmo o hõmi, ô

RAQUEL  
BARBOSA

tá mastigano em farso ?

Se quisé, vai cumigo. O Dija manja o que eu fiz prêe.

DIJA

É veldade ! Ocê era aquele que dismalhava nos comiço de praça dêle ?

BARBOSA

Intão. Eu dismalhava intê, sômentes pã êle carregá eu nos braço e os aleitô ficá cum simpatia por êle...

VALERIA

I si é ansim, ocê vai intê lá falá com êle ? Ele te arrecede ?

BARBOSA

Ocê vai vê só. Eu meto um bafe no hõmi, que êle êle dwita logo nos arreio.

NARRADOR

Foi. Mas não cuidou da indumentária. Arrumou algum para as passagens de ônibus e se apresentou :

BARBOSA

Bom dia, dona senhoritis...

VAL.

(NORMAL : MEIO GRANFINA) Bom dia...

BARBOSA

(VACILANTE) A senhoritis... A senhoritis manja o dotô Arnesto ?

VAL.

Não entendi. Tenha a bondade de repetir, por obséquio.

BARBOSA

Por que ?

VAL.

Por obséquio.

BARBOSA

Nêe. Num é com êsse que eu dejejo boquejal n'ao, senhoritis. (BEM PERNÓSTICO) A minha boca, a minha fábrica de fabricã palavra, tá cum vontade de boquejá cum o dotô Arnesto?

VAL.

Desculpe-me...mas eu não chego a compreender. A quem o senhor procura ?

BARBOSA

É o dotô Arnesto, senhoritis.

NARRADOR

A jovem secretária olhou para aquele pretinho magro, esmulambado, parecendo assim liquidação de gente, e disse :



- VAL. Lamento muito, cavalheiro...mas hoje...o doutor Ernesto não recebe.
- BARBOSA Num arrecebe ? Mais paga ?
- VAL. É que êle não pode atender.
- BARBOSA Eu num quero negócio de intendê, não. Eu só quero á falã com êle.  
A sinhoritis manda dizê prêle que eu, tô aqui,
- VAL. Mas êle não recebe, cavalheiro! É impossivel falar com êle hoje.  
Naturalmente, o senhor veio pedir uma contribuição ?
- BARBOSA O que que foi que a sinhorátis bafô ni mim ?
- VAL. O senhor pôde dizer o assunto de sua conversa com êle, que eu transmitirei.
- BARBOSA Fala prêle ansim que é o Charutinho.
- VAL. O senhor quer um charutinho ?
- BARBOSA Não. Charutinho sô eu. É meu pilido. Êle me conhece, me manja eu. Nós fumos colegas de campanha literã.
- VAL. Sim. (EXPLICANDO) Mas o que é que o senhor deseja. O que é que quer ?
- BARBOSA Fala prêle ansim que eu quero um Impala.
- NARRADOR A secretãria, vendo aquele pretinho descalço, com mais remendo e rasgão na roupa do que alguém saído da boca do jacaré, exclamou, assustada :
- VAL. O senhor está brincando !...
- BARBOSA num tô brincano, não. Qui dia é que eu posso vê o cara ?
- VAL. Ver quem ?
- BARBOSA O cara ! O carsta ! O dotô Ernesto.
- VAL. (COM RECEIO) O senhor volte aqui na quinta feira que eu vou conversar com êle.

- BARBOSA Tá certo. Tá no r'ê. Quinta fêra, às cinco hora da manhã, eu tô aqui.
- NARRADOR Quando o Charutinho voltou ao Morro, nessa noite, todo mundo queri, saber...
- SIMP. Então ? O nômi deu o cano ?
- RAQUEL O bacanaço agaranto que nem te arrecebeu.
- BARBOSA Não. Ele num tava no dia de arrecebê. Mais marcô cumigo na quinta fêra. Eu vô lâ na quinta e êle ateme eu.
- DIJA Mais escuita.  
Tem um tudavia aí.  
Oca acha que tá vistido pá far á cum disputado ?
- BARBOSA Ué ?... E eu falo c' a rôpa ? É a duana, o cenário, as bambolina quem fala ? Ô sô eu ?
- RAQUEL Mais ninguê, pode í vistido ansim prá pidi um Impala. Oca devia de arrumá uma prumage miô.
- BARBOSA Ocais arruma prá mim, uê.
- RAQUEL Eu te arrumo uma carça ?
- SIMP. Eu posso arrumá um palintô e uma camisa.
- DIJA Eu dô o sapato e as meia, mais é impres-tado.
- NARRADOR Quinta feira, às quatro horas da madrugada, já tem gente descendo o Morro. O Charutinho vai mais elegante que miss em desfile de passarela...
- BARBOSA Mais esta butina do Dija eu num guento. Eu vô é levá na mão, quando chegá lâ... eu visto elas.  
I gravata ? Eu num guento gravata. Gravate só selve mêmô é pá dá nô na garganta.

NARRADOR

Afinal, chegou. Eram seis horas da manhã, quando o Charutinho bateu na casa do procurado...

BARBOSA

(BATE PALMAS) (CHAMA) (ESBRAVEJA) (GRITA)  
(CHAMA DE NOVO). (VAI A BG ASSIM).

NARRADOR

(SOBRE O BG DA VOZ DO CHARUTINHO) Foi tal o barulho que o Charutinho aprontou, que acordou a rua inteira. Todo mundo pensava que era assalto, luta, briga... E alguém chamou a Rádio Patrulha. E a Rádio Patrulha entregou o homem barulhento ao seu Distrito :

VICENTE

O que é que ocê foi fazê lá, ô Pilantra ?

BARBOSA

Eu fui batê uma cêxa cõ dotô Arnesto.

VICENTE

Num foi assartá a casa do homi, não ?

BARBOSA

Chico Tira !... Ocê acha que eu võ assartá uma casa fazeno barúio.

VICENTE

Mais, afinar de conta, ocê bateu lá às seis hora da manhã e ainda tava meio escuro. O que é que ocê quíria ?

BARBOSA

Um Impala.

VICENTE

O que ? Marga mão de fazê eude otário!  
Vamo, confessa !... Ocê foi lá pá robá.

BARBOSA

Robá o que ? Eu fui lá b1 pá perdê o sapato do Dija que tava no chão e nem num ml d ero tempo de arrecolê...

VICENTE

Neca de bafo pá cigarro queimã sòzinho.  
Eu ti manjo. Ocê é lunfa !... Conta quar que era a sua intenção. Tinha argum cúmpris ?

BARBOSA

Eu ? Cúmpris ? É que a Pixainha falô que a filicidade dela era dã uma vortinha de Impala...eu fui pidi um imprestado:...

- VICENTE Malandro, sem vergonha, pilantra !  
Oca vai ficá in cana até arresorvê con  
fessã o que é que foi fazê por l'a.
- BARBOSA Mais eu num fiz nada, Chico Tira...
- VICENTE Chega ?...  
Vai descendo pô seu hotêr de grade e  
num burrêça mais eu.
- NARRADOR Lá vai êle, de gravata e descalço, para  
onde sempre vai parar malandro. Mas  
desta vez, ele havia sido movido por  
uma excelente intenção : obter um Impa-  
la emprestado, para satisfazer o sonho  
de uma menina...
- BARBOSA É como diz o ditado :
- " - IMPALA DE MICHURUCA... É IMPALUDISMO.
- TÉCNICA PREFIXO.
- LOCUTOR Com ADONIRAN BARBOSA - RAQUEL MARTINS -  
SIMPLICIO - VALERIA LUERCI - DJALMA AMA-  
RAL - ALZIRA DE OLIVEIRA -, VICENTE  
ALVES - a Record , apresentou :
- LOCUTORA HISTÓRIAS DAS MALOCAS - um programa  
escrito por OSVALDO MOLES.
- TÉCNICA PREFIXO
- MENSAGEM COMERCIAL.
- TÉCNICA PREFIXO
- LOCUTORA Na próxima sexta feira, às 21 horas,  
ouça, novamente, HISTÓRIAS DAS MALOCAS
- LOCUTOR Um programa Osvaldo Moles, especial pa-  
ra a Rádio Record.
- TÉCNICA PREFIXO.